UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL ITAÚNA.

IVONETE DE SOUZA CORREA

PLANALTINA – DF

20013

IVONETE DE SOUZA CORREA

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL ITAÚNA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Prof. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Planaltina – DF

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-LEDOC

LETRAMENTOS E ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL ITAÚNA

IVONETE DE SOUZA CORREA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (FUP/UnB) – Orientadora

Profa. MsC Ana Aparecida Moura (LIP/UnB) - Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo o incentivo e pela força dada por eles.

A meu esposo por me incentivar todo esse tempo. Ao meu filho que colaborou com as minhas saídas, em busca do meu objetivo.

Aos meus irmãos e irmãs que também colaboram para com a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela a minha vida e pela a oportunidade de está concluindo este curso.

A toda minha família que fez com que eu concluísse esse curso.

Aos professores que tiveram uma participação fundamental para a minha formação.

A Ivandice pela ajuda.

A Rosineide pelo suporte teórico, e contribuição em todo processo de formação.

A professora Ana Aparecida pela leitura cuidadosa de meu trabalho.

Ao PIBID/CAPES (Projeto de bolsa de iniciação a docência), que trouxe um significado muito grande ao meu processo de formação, fortalecendo-a no contexto de sala de aula por meio de sua proposta.

“A alfabetização não Pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto apenas com a colaboração do educador”.

Paulo Freire 2008, p. 119

LISTA DE ABREVIATURAS

APAAPI - Associação dos pequenos agricultores assentados no projeto de assentamento Itaúna.

TCC - Trabalho de conclusão de curso.

UEG - Universidade do estado de Goiás.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa aborda a alfabetização e o letramento na Escola Municipal Itaúna, no contexto de Ensino Básico. As crianças pesquisadas adquirem esse conhecimento na escola e nas convivências e experiências que vêm de casa, também nas apropriações de conhecimentos através das práticas de leitura e escrita. Assim, o interesse da pesquisa é investigar as possibilidades das escolas adotarem o ensino através dos letramentos. A metodologia usada para a coleta dos dados tem abordagem qualitativa, em que se utilizou o questionário como instrumento de pesquisa. Aborda ainda os fundamentos da alfabetização e do letramento, com intuito de demonstrar a importância da alfabetização trabalhada junto com os letramentos. Por meio deste trabalho, pretende-se contribuir com a reflexão dos professores da escola do campo em relação ao que é de fato alfabetizar e letrar.

Palavras – chave: Alfabetização. Letramentos. Meio social. Escola do Campo.

ABSTRACT

This research addresses the literacy and literacy at the Municipal School Itaúna, in the context of basic education. Children surveyed acquire this knowledge at school and in cohabitation and experiences that come from home, also in appropriating knowledge through the practices of reading and writing. Thus, the interest of the research is to investigate the possibilities of schools adopt teaching literacy through. The methodology for data collection is a qualitative approach, in which questionnaire was used as a research tool. It also discusses the fundamentals of literacy and literacy, in order to demonstrate the importance of literacy crafted with literacies. Through this work, we intend to contribute to the discussion of the school teachers of the field in relation to what is actually literate and write the lyrics.

Key - words: Literacy. Literacies.Social environment.The Field School.

SUMÁRIO

Introdução.....11

CAPITULO I

I.I Metodologia.....13

I. 2 – Itaúna contexto de pesquisa.....14

I. 3 – Pessoas Pesquisadas.....14

I. 4 - Objetivo geral.....15

I. 5 – Objetivos específicos.....15

I. 6-Pergunta de pergunta.....15

CAPÍTULO II

2.1 – Fundamentos da alfabetização e letramento.....16

2.2 – A alfabetização.....18

2. 3– O letramento.....20

CAPÍTULO III

3. 1 – Alfabetização e letramentos na escola Itaúna.....25

3. 2 – A leitura.....25

3. 3 - O papel do professor na educação.....29

Conclusão.....31

Referência.....32

Introdução

A alfabetização é um processo de aprendizado adquirido na escola, através da convivência das crianças, nas experiências que vêm de casa e nas apropriações de conhecimentos através da leitura e escrita. Por outro lado, o que geralmente acontece é que as escolas adotam o ensino a partir do desenvolvimento da leitura e da escrita dos educandos. Ou seja, a escola está preocupada em apenas alfabetizar, repassar o alfabeto, sem de fato trabalhar as varias possibilidades da leitura e da escrita.

Dessa forma, levanta-se aqui outra perspectiva de ensino, que poderá enfatizar as possibilidades das escolas adotarem o ensino através dos letramentos, em que as pessoas podem alcançar as leituras para além das decodificações dos códigos do alfabeto (numérico), tornando-os significativos, no processo de ensino através da interpretação de texto e contexto social.

Nesse sentido, as crianças deveriam começar a estudar os códigos alfabéticos numéricos, mas, serem colocadas com um despertar das coisas já conhecidas por eles, de poderem aproveitar as coisas que já conseguem ler, a educação na alfabetização tornaria melhor.

É viável que os estudantes estivessem um olhar crítico das coisas que estão em torno delas. E não ficariam em um mundo de sonhos e de imaginações, mas, antes de serem alfabetizadas, ou seja, por não saberem ler e escrever, eles são considerados analfabetos para a sociedade. No entanto, eles possuem as leituras de mundo, através dos desenhos das histórias contadas pelos familiares, pelos filmes assistidos, que são também práticas de letramentos.

É a partir daí que vão levando as crianças para a sua realidade. Essas leituras podem ser transformadas em atividades cotidianas, tendo em vista suas origens, suas culturas, seus costumes, e até mesmo sua religião. Com isso, facilita a interação de educador, educando e seu mundo de convivência. Tendo em vista, que a criança antes de começar a estudar já tem uma interação com seus familiares. Então, podemos afirmar que as maiorias dos familiares costumam contar suas próprias histórias de vida, ensinam as cores

através das plantas e elas passam a conviver socialmente através das brincadeiras feitas em casa com os familiares, um contexto de letramento.

Diante do exposto, este trabalho visa pesquisar de que forma é feita a alfabetização das crianças do Assentamento Itaúna e se a escola que recebe este público adota o modelo de alfabetização e letramentos, de forma a entender o contexto social de cada discente.

A fundamentação teórica se baseia nos autores: Magda Soares (2004, 2003), em que a autora traz a importância dos letramentos e alfabetização dentro e fora da sala de aula. Stella Maris et al. (2010) com a importância do uso da língua materna na escola como forma de não excluir o que o estudante já conhece no dia-a-dia. E o conhecimento com base em outros autores.

No primeiro capítulo, será registrada a pesquisa qualitativa. Nesta parte há uma interação reflexiva no decorrer da coleta de dados, o que ocorre em um cenário natural. A investigação qualitativa emprega diferentes concepçõesdo conhecimento, de estratégia, de investigação e de métodos de coleta e análise de dados, que se baseiam em dados de textos e imagem.

O segundo capítulo traz os fundamentos da alfabetização, que organizam os símbolos e abarca com os sentidos, cognitivos e ideológicos. Traz ainda, que saber ler e escrever; é ser capaz de se colocar na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido pelo outro e, portanto, com eles interagir. Uma expectativa relacionada à aprendizagem dos estudantes principalmente no processo de alfabetização, de leitura e de escrita.

E por último, serão analisadas as falas dos estudantes e das professoras, de acordo com a fundamentação teórica, e com observações feitas no decorrer do processo das entrevistas. Vale ressaltar, que na análise feita das professoras, a professora de primeiro e segundo ano será referida como “professora A”, e para a professora de terceiro quarto e quinto ano “professora B”.

CAPÍTULO I

1.1 – Metodologia

Será usada neste trabalho a metodologia qualitativa, esse procedimento envolve diretamente o público pesquisado, caracterizando a interação participativa e reflexiva no decorrer da coleta de dados.

Segundo John W. Creswell (2007), a investigação qualitativa emprega diferentes concepçõesdo conhecimento, estratégia, investigação e métodos de coleta e análise de dados, que se baseiam em dados de textos e imagem.

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. Porém, o pesquisador qualitativo sempre vai ao local onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvidos nas experiências reais do participante, e é inevitável o uso múltiplo da interatividade que é sem dúvida humanística.

Portanto, esses procedimentos qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados. E é fundamentalmente interpretativa, isso, significa que o pesquisador faz interpretações dos dados e filtra os dados de uma lente pessoal situada em um momento sócio-político histórico específico, adota e usa estratégias de investigação como um guia para o procedimento nos estudos. É um processo constante que envolve a reflexão continuamente sobre os dados.

As coletas de dados foram feitas através de entrevistas estruturadas de pesquisa (questionário) com os alunos e professores, e também observações de como era desenvolvida as atividades na sala de aula. Segundo o autor é através de observações e entrevistas estruturadas que se consegue um melhor desenvolvimento a pesquisa se estabelece as fronteiras para o estudo. A ideia por trás da pesquisa é selecionar participantes para ajudar o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa. O que foram feitas neste trabalho.

A falta de uma alfabetização inicial bem feita faz com que os estudantes passem por várias séries sem serem alfabetizados. Ficar frente a frente a essas dificuldades, incentivou a pesquisar esse tema. E, desenvolver essa pesquisa é perceber de onde começa esses problemas e entender como superá-las.

Desde então, por ser uma pesquisa que envolve diretamente o público, mencionarei o próximo item, para falar do contexto da pesquisa.

1.2 – Itaúna: contexto de pesquisa

O Assentamento Itaúna está localizado no município de Planaltina de GO, na GO 180, km 40, e na GO 230, km 42 a 43, esquerda sentido a Cidade de Água Fria de Goiás. O assentamento é constituído por 100 famílias.

Essas famílias vêm de vários estados, por isso, é considerado existir um grande potencial de culturas.

O assentamento foi consolidado no mês de junho do ano de 2006. Traz a marca de um longo histórico de luta de dez anos de acampamento. Fez-se necessário a constituição da APAAPI (Associação dos Pequenos Agricultores Assentados no Projeto de Assentamento Itaúna), com o objetivo de reivindicar os interesses coletivos e representar as famílias perante as instituições. Os principais setores produtivos responsáveis pela geração de renda e sustentabilidade das famílias estão relacionados ás produções de culturas perenes, como, por exemplo: o milho, o feijão e as hortaliças (tomate, cenoura, jiló e pimenta de cheiro), e criação de pequenos animais (aves e suínos).

Nesse sentido, a APAAPI juntamente com os pais fez uma reivindicação para a construção de uma escola. Aceita a reivindicação, a escola foi criada na sede do assentamento, denominada Escola Municipal Itaúna, com isso facilitou a educação para seus filhos mais perto de suas casas.

1.3 – Pessoas pesquisadas.

São onze estudantes pesquisados, sendo quatro do primeiro e segundo ano e sete do terceiro, quarto e quinto anos, com turmas múltisseriadas. Esses alunos têm entreseis a onze anos de idade, e moram com os pais no

Assentamento Itaúna. E, também, as duas professoras contribuíram na pesquisa.

Os pais já concluíram o Ensino Fundamental e alguns estão a cursar o Ensino Médio. Sendo assim, podem ajudar seus filhos a entender melhor os trabalhos da escola.

As professoras vêm de cidades vizinhas, localizada em Formosa Goiás, todas com ensino superior completo, formadas na UEG. (Universidade do Estado de Goiás).

Diante do exposto, para delinear a pesquisa, registram-se a seguir o objetivo geral, objetivos específicos e a pergunta de pesquisa.

1.4- Objetivo geral

-Analisar as práticas educacionais da escola do campo localizada no Itaúna, para verificar se os letramentos são trabalhados dentro do período de alfabetização.

1.5-Objetivos específicos:

- Identificar como os estudantes interagem com a leitura e escrita.
- Analisar os procedimentos que a escola adota para alfabetização dos estudantes e se estão a usar os conhecimentos já adquiridos em seu contexto familiar.
- Identificar os letramentos da Escola Municipal Itaúna.

1.6- Pergunta de pesquisa

De que forma é feito a alfabetização das crianças do Assentamento Itaúna e se a escola que recebe este público adota o modelo de alfabetização e letramentos, de forma a entender o contexto social de cada discente?

A seguir apresenta-se a fundamentação teórica que dá suporte a este trabalho de pesquisa.

CAPITULO II

2.1 - Fundamentos da alfabetização e de Letramentos

A alfabetização e os letramentos andam juntos, uma organiza os símbolos e a outra abarca com os sentidos, cognitivo e ideológico. Por isso, não devemos separá-los já que ambos se complementam.

Segundo a pesquisadora Martins (2005) o termo **"**letramento" surgiu na metade de 1980, na terminologia das ciências da educação e da linguagem a palavra *letramento.* Num percurso interessante, esse termo originou-se de uma versão em português do vocábulo inglês *literacy,* que**,** por sua vez, provinha de uma palavra pertencente à língua-mãe do português, o latim, *littera,* sempre presente em português sob forma de *letra,* à qual o inglês acrescentou o sufixo -cy, que expressa qualidade, condição, estado, fato de ser. A versão do termo *literacy*para o português respeitou a composição etimológica inglesa, sendo que se retomou o núcleo significativo latim *litter*ana sua forma portuguesa *letra* e o sufixo inglês –cy foi traduzido por –mento**,** que designa o resultado de uma ação. Assim, letramento é "o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (SOARES, 1998, p. 18).

Isso não significa que alfabetização e letramento seja a mesma coisa, mas, se complementam como já mencionado, se caso uma pessoa já adulta não é alfabetizado, não podemos confirmar que também não possui letramentos.

Em princípio, até parece contraditório, devido ser formulada e acrescentada alfabeto em primeiro momento, mas, se o "letramento é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita". Podemos dizer que também tenha uma interação de convivência dos sujeitos.

Porém, para a pesquisadora Soares (*apud* MARTINS 1998, p. 18). "Ser alfabetizado e letrado ocasiona mudanças de ordem linguística, social, cognitiva e cultural na vida do indivíduo". Ressaltamos que o termo *social* não se refere à mudança de classe social e sim ao convívio com entre pessoas.

Por isso, há uma expectativa relacionada à aprendizagem dos estudantes principalmente no processo de alfabetização, da leitura e da escrita. Será que o processo de início de leitura dos discentes começa na alfabetização?

De acordo com Freire (1999), a leitura se inicia muito antes do ingresso na escola. Essa leitura que antecede a leitura escolar é denominada *leitura de mundo.* Isso significa que *o* aluno não chega à escola vazio, desprovido de conhecimento. Pelo contrário, ele traz uma bagagem cognitiva e cultural que não pode ser dispensada pela escola. Porém, é manifestada através da fala, tato e gestos, que são trabalhados juntamente com os pais, é o primeiro contato com o mundo.

Todavia, Barton 1994 (*apud* SOUSA, 2006) ressalta que o letramento é historicamente situado. Tem em vista que as práticas de letramentos estão sempre em transformações e novas práticas são freqüentemente acionadas por meio de processos de aprendizagem formal e informal.

É nesse processo informal, que a leitura das crianças que ainda não foram à escola está a vigorar, mas, esse processo será complementado quando as crianças começam a participar do letramento escolar em que a alfabetização está inserida.

Para Soares (1998) não basta saber ler e escrever é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente. No entanto, a realidade aponta que os alunos aprendem a ler e a escrever, ou seja, codificam e decodificam a língua escrita, mas não se apropriam verdadeiramente da produção escrita. Sendo assim, a alfabetização e os letramentos não estão a andar juntos. É por isso que o ensino encontra-se com problemas no que é mais básico, muitas pessoas saem da escola sem saber ler e escrever.

A autora afirma, ainda, que saber ler e escrever numa sociedade que está cada vez mais voltada para a escrita não são suficientes. Envolver-se em práticas sociais da escrita e da leitura, é ler, entender o que se ler e escrever em diferentes gêneros textuais. E, sobretudo, sermos capazes de criticar e avaliar modos de compreender o mundo, as coisas, as pessoas e suas relações.

Geraldi (*apud*MARTIN,1996) expõe que escrever é ser capaz de se colocar na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir.

O ato de ler e de escrever está muito além do simples ato de decodificar e saber a grafia das palavras. Ou seja, há um trabalho de interação, há um processo interlocutivo que orienta a prática da leitura escrita. É ser defensor de algo que funciona na vida real não apenas no faz de conta e ter uma leitura interpretada de forma clara, para ser passada de forma compreensível. E os futuros educadores na verdade conseguem repassar o que aprende?

Por isso, alfabetizar é sempre um ensino multidisciplinar, que engloba a ler, escrever e interpretar textos, de pequenas frases até os acadêmicos. Nesse contexto passaremos para o próximo item para melhor análise.

2. 2 - A alfabetização

Até meados da década de 1990, a sociedade brasileira desconhecia o fato de que seus estudantes apresentavam grandes problemas em compreender o que liam, naquela época os educadores se preocupavam mais em alfabetizar e ensinar a ler, ou seja, conhecer as letras do alfabeto e formar sílabas, não se preocupando em ensinar uma boa interpretação de texto.

O caráter sintetizador da leitura e a importância do conhecimento multidisciplinar de mundo, a que o leitor precisa recorrer para compreender efetivamente o que ler, explica os baixos escorem que nossos alunos obtêm nos sistemas nacionais ou estaduais de avaliação. O estudante não consegue atingir a compreensão satisfatória do material lido, porque lhe faltam conhecimentos, não propriamente da estrutura de sua língua materna, da qual ele é falante competente, mas sim de todos os competentes curriculares cujo domínio ficou precário, principalmente porque não desenvolveu habilidades de leitura para a aquisição de informações.

Diante destas complicações que o aluno tem: dificuldades no aprendizado na sua formação inicial, mas, que se estende ao longo de sua carreira, por isso precisamos de professores qualificados e bem treinados para ensinar, que conseguem interagir com todas as disciplinas e não apenas uma.

O professor aos usar seus recursos para facilitar a interação entre os conhecimentos da língua oral dos estudantes trazem, para a escola as competências de leituras, escrita e oralidade que vão adquirir ou aprender e atender a transição dos modos de falar para os modos de escrever e ler. Além disso, Organizam atividades pedagógicas que não desclassifica a língua materna, mas, expõe outras maneiras de se colocar diante o mundo, e isso, contribui para o desenvolvimento linguístico, afetivo e social do estudante.

Segundo Magda Soares (2004), nos países desenvolvidos, ou de Primeiro Mundo, as práticas sociais de leitura assumem a natureza de problema relevante no contexto da verificação de que a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita. Assim, na França e nos Estados Unidos, para limitar a análise a esses dois países, os problemas, as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua e a escrita. Assim, na França e nos Estados Unidos, para limitar a análise a esses dois países, os problemas de *illettrisme*, de *literacy/illiteracy*surgem de forma independente da questão da aprendizagem básica da escrita.

A autora reforça que no Brasil, o movimento se deu, em direção contraria: o despertar para a importância e necessidade de habilidades para o uso competente da leitura e da escrita tem sua origem vinculada à aprendizagem inicial da escrita, desenvolvendo-se se basicamente a partir de um questionamento do conceito de alfabetização. Assim, ao contrário do que ocorrem em países de Primeiro Mundo como França e Estados Unidos, em que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita – a alfabetização, para usar a palavra brasileira – mantém sua especificidades no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da escrita – problemas de letramento -no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se misturam, se superpõem, frequentemente se confundem. Esse enraizamento do conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectado, tomando-se para análise fontes como os censos demográficos, a mídia, e a produção acadêmica. A partir do conceito de alfabetização, que vigorou o censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o

que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de alfabetizado como aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita, ainda bastante trivial, adotado a partir do censo de 1950, até o momento atual.

O mesmo se verifica quando se observa o tratamento que a mídia dá, particularmente ao longo da última década (anos de 1990), às informações e notícias sobre alfabetização no Brasil. Já em 1991, a *Folhade S. Paulo*, ao divulgar resultados do Censo então realizado, após declarar que, pelos dados, apenas18% eram analfabetos, acrescenta: “mas o número de desqualificados é muito maior”. *Desqualificados*, segundo a matéria, eram aqueles que, embora declarando saber ler e escrever um simples bilhete tinha menos de quatro anos de escolarização, sendo assim, analfabetos funcionais.

2.3- O letramento

Os letramentos estão a interagir no mundo social tanto na forma escrita como em outras formas, de certo modo é uma nova perspectiva que estabelece sobre a prática social e escrita, renovando cada vez mais o sentido das palavras ou criando novas maneiras de compreender os fenômenos.

Desta forma, os letramentos é o ato de ler e escrever, mas não são apenas isso, eles trazem as consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que pessoa está introduzida, quer para o individuo que aprenda a usá-la (SOARES, 2004).

Há uma mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país: da mera aquisição da tecnologia do ler e do escrever a inserções nas práticas sociais e na escrita.

Todavia, o que resultou o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização é o fato que sinaliza bem essa mudança, se evidencia a busca de um estado ou condição de quem sabe ler e escrever. Porém, essa verificação da simples presença da habilidade de codificar em língua escrita, já comprova a tentativa de avaliar nível de letramento e não apenas a avaliação da presença ou ausência da tecnologia de ler e de escrever.

Sendo assim, o que interessa é a avaliação do nível de letramento da população, não o índice de alfabetização. Deve-se buscar esse nível pela realização de censos por amostragem, que por meio de numerosas e variadas questões avaliam o uso de que as pessoas fazem da leitura e da escrita, e as práticas sociais de que se apropriam. Deve-se trazer ainda com bases em documentos e outras fontes, as práticas de leitura e de escrita do passado (em diferentes épocas, regiões e grupos sociais). Outro fator que pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é ser analfabeto, mas, ter de certa forma o conhecimento social.

Assim, um adulto pode ser analfabeto, por mais que seja marginalizado social e economicamente, mas vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presenças fortes. Onde ele se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado; se recebe cartas pedem que outros leiam para ele; dita cartas para que um alfabetizado as escreva. A pessoa que em geral dita usa vocabulário e estruturas, muitas vezes próprios da língua escrita. De certa forma, esse analfabeto participa de práticas letradas, porque faz uso da escrita.

Uma criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge ler, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está envolvida na realidade de materiais escritos e tem percepção do seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta,” porque não aprendeu a ler e escrever, mas já se inseriu no mundo do letramento, já é de certa forma letrada.

Mesmo as pessoas que são alfabetizadas, que aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, elas não adquirem competências de usar a leitura e a escrita para envolver-se com as práticas sociais letradas, pois não leem livros, jornais, revistas; não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, preencher um formulário. Esse fenômeno acontece com muitas pessoas que saíram do Ensino Básico, isto é, elas passaram por essa modalidade de escolarização, porém não dominam o letramento básico: ler e escrever satisfatoriamente.

Em relação a esse cenário, até a década de 40 do século XX, segundo Soares (2004), o formulário do censo definia o individuo como analfabeto ou alfabetizado, perguntando-lhe se sabia assinar o nome. As condições culturais, sociais e políticas do país, até então, não exigiam muito mais que isso de

grande parte da população. As pessoas aprendiam a desenhar o nome para poder votar ou assinar um contrato de trabalho. Contudo, hoje se exige muito em relação à leitura e à escrita. É necessário dominar essas modalidades para a realização de muitas tarefas da vida social.

Como afirma Wagner (1983 *apud* Soares, 2004, p.5) quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um fenômeno cultural, de atividades sociais que envolvem a língua falada, de exigências sociais de uso da língua escrita.

Soares referencia Smith (1973, p.117) para discorrer sobre a leitura e escrita:

> Ler e escrever são processos freqüentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno a comunicação através da língua escrita. Mas, há diferenças fundamentais entre as habilidades e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim, como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e os envolvidos na aprendizagem da escrita.

Sendo assim, o ato de ler e escrever são relacionados ao cognitivo do ser humano que detém dessas habilidades e como essa pessoa articula essas aprendizagens em seu contexto social ou até mesmo como este traz suas marcas culturais na escrita ou discurso.

Como a leitura, a escrita tem a perspectiva da dimensão individual do letramento, a escrita como uma tecnologia é chamada como um conjunto de habilidades sociolinguísticas e psicológicas, nas habilidades fundamentalmente diferentes daquelas exigidas pela leitura. Enquanto as habilidades de leitura estendem-se da habilidade de decodificar palavras escritas à capacidade de integrar informações provenientes de diferentes textos, as habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor. Além disso, as habilidades de escrita, tal como as de leitura, devem ser aplicadas diferenciadamente à produção de uma variedade de materiais escritos, da simples assinatura de nome à elaboração de uma monografia, por exemplo.

Para uma melhor compreensão, letramentos são o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e

como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Soares (2004) referencia Kirsch e Jungeblut (1990) para afirmar que os letramentos não são simplesmente um conjunto de habilidades de leitura e de escrita, mas, muito mais que isso, é o uso dessas habilidades para atender às exigências sociais.

Por outro lado, Freire (*apud* Soares, 2004)observa que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. Menciona ainda, que o papel de letramento pressupõe uma libertação do homem de sua “domesticação”, dependendo do contexto ideológico em que ocorre, e alerta para a sua natureza inerente.

Porém, essa conscientização que os letramentos proporcionam, depende de quem está a formar os letrados e para quem está a necessidade de perceber a domesticação. Considerando que há várias ideologias a ser desvendadas. Por isso, a consciência de mundo é fundamental, só então se pode defender que seu principal objetivo deve ser o de promover a mudança social.

Já aqui, Bortoni-Ricardo (2004) ressalta que o processo sociolinguístico além de pertencer ao léxico regional tem sido preservado na cultura de grupos sociais mais isolados, como é o caso das comunidades rurais. O analfabetismo não atinge igualmente toda a população, concentra-se na população rural que é secularmente a menos beneficiada no processo de desenvolvimento do país. E, é principalmente essa população que deve lutar contra a “domestificação” sendo essas pessoas e tantas outras que passaram pelo processo de escravidão no Brasil.

Observa ainda a mudança no conceito de analfabetismo em 1958 pela UNESCO que definia como analfabeto um indivíduo que não consegue ler ou escrever algo simples. Duas décadas depois substitui esse conceito pelo de analfabeto funcional, que é um indivíduo que mesmo sabendo ler e escrever frases simples, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e se desenvolver pessoalmente e profissionalmente.

CAPÍTULO III

3.1 Alfabetização e letramento na escola Itaúna.

Este capítulo tem como princípio analisar a alfabetização, assim como, as práticas de leitura e escrita dos estudantes da escola municipal Itaúna e se estes são feitos no intuito de embarcar os letramentos em seus diversos eixos estratégicos.

As pessoas pesquisadas são estudantes do primeiro ao quinto ano, de turmas múltisseriadas, do Ensino Fundamental, idade entre 6 e 11 anos e duas professoras. Os estudantes pesquisados acima mencionados são divididos em duas turmas, sendo primeiro e segundo ano na mesma sala, dentre eles um do primeiro ano diz que ler o alfabeto, um do segundo ano diz não saber ler e os outros do segundo ano sabe ler mais ou menos.

Os estudantes de terceiro quarto e quinto ano estudam na mesma sala, onde um do quinto ano e outro do quarto ano diz saber ler mais ou menos e os demais já conseguem ler.

Percebe-se que são duas professoras para quatro turmas. Com isso, o trabalho fica comprometido e torna-se até menos proveitoso para os estudantes, embora, estas professoras trabalhem em duas turmas juntas.

O processo de aprendizagem formal e informal é acionado nos processos das práticas que andam juntas, principalmente nesse período de percepção das letras com o mundo visual e sua língua materna no qual os estudantes são competentes. Mas, o que necessita é conduzi-los para uma interação com a leitura.

No próximo item, faremos exposições das organizações do mundo da leitura dos discentes pesquisados.

3.2 A leitura

A leitura nessa fase inicial de aprendizagem é trabalhada com os primeiros contatos dos signos linguísticos, estes vão moldar o mundo das palavras dos estudantes.

As crianças entrevistadas, por estar ainda no processo de alfabetização, talvez não alcance esta visão que os letramentos propõem. Veja a primeira parte, usada para análise, tendo como base as perguntas que se seguem:

“Você já sabe ler”?

6 crianças responderam que já sabiam ler.

2 responderam que não sabem ler.

2 responderam que sabem ler mais ou menos.

1 respondeu que sabe ler um pouco.

De acordo com o grau de conhecimento que as crianças relatam entre os que já sabem ler e os que sabem mais ou menos, estão quase no mesmo patamar, ou seja, A leitura nessa fase inicial de aprendizagem é trabalhada com os primeiros contatos dos signos linguísticos, estes vão moldar o mundo das palavras dos estudantes.

As crianças entrevistadas, por estar ainda no processo de alfabetização, talvez não alcance esta visão que os letramentos propõem. De certa forma, o estudante na fase da alfabetização precisa de seguir dois eixos; saber os códigos e interpretá-los, se a pessoa passa do ponto A para o B sem conseguir familiarizar com o primeiro ponto (A), este não consegui desenvolver seu cognitivo para a leitura.

E ainda, Soares (1998) afirma que saber ler e escrever numa sociedade que está cada vez mais voltada para a escrita não são suficientes. É preciso que as pessoas se envolvam em práticas sociais de escrita e de leitura, lendo, interpretando o que leu e escrevendo em diferentes gêneros textuais. E, principalmente, sendo capazes de criticar e avaliar modos de compreender o mundo, as coisas, as pessoas e suas relações. Se a leitura começa com deficiência, o risco em ser vítima do alfabetismo funcional é muito maior.

Se para construção de uma casa o pedreiro necessita de concreto para uma base bem feita e que este venha a segurar as paredes e telhado, o mesmo acontece com uma alfabetização é relevante ser de base sólida e eficaz para o discente começar a engatinhar com maior firmeza no mundo da escrita. E para que isso venha a acontecer o educador precisa trabalhar com os conteúdos relacionados com a vida, e para que venha a tona essa nova forma transformadora é preciso de tempo. Para uma escola múltisseriada,

obviamente, há necessidade de maior número de educadores, aqui é ao contrário, o professor trabalha o dobro, e quem sai perdendo é o estudante.

Mesmo alguns alunos sem saber decifrar os signos lingüístico e formar palavras, ao proferir quais os tipos de leituras gostam de realizar?

3 respondeu gostar de ler gibis de vários autores.

3 respondeu gostar de livros de histórias.

2 respondeu gostar de ler livros que contenham desenhos.

2 respondeu que não sabem do que gostam.

1 respondeu gostar de ler as letras do alfabeto.

Os estudantes que iniciam sua prática de leitura pelos gibis ou historinhas fantasiosa exercem uma desenvoltura de interpretação, por conter nessa forma textual desenhos ilustrativos, que tem como ponto principal prender atenção do leitor pelas caricaturas. Sendo assim, o interesse dos estudantes é maior.

Mas em contraposição os gibis, principalmente o “turma da Mônica”, passa uma visão de atraso do campo desde as formas de expressão verbal, até as maneiras de agir no dia a dia. O que não pode deixar que estes alunos adquiram essa versão de preconceito e sim obtenha uma interação alfabetização e letramentos.

Desta forma, Soares (2004) ressalta que os letramentos é o ato de ler e escrever, e que, além disso, trazem as conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que está introduzida, quer para o individuo que aprenda a usá-la. Neste caso, o cognitivo é o mais trabalhado se lida apenas para descobrir a que respeito trata a história. Por outro lado é importante destacar a qual leitor este tipo de texto é conduzido, por esse motivo apresenta menos análises política, econômica.

Para quem gosta de ler as letras do alfabeto e ainda não conseguiu ser alfabetizados, mas, pelo viés do letramento estes carregam uma bagagem cultural, uma vez que a escola adota esses valores, tendem cada vez trabalhar a práxis.

São valores que a educação do campo, assim como a sociolingüística tentam implementar nas escolas, principalmente as situadas no meio rural, onde o que se aprende, ainda são alheio a que se vive, e é o fator que contribui para a desistência dos estudos.

Partindo do pressuposto de que a educação não parte da escola e não somente na escola podem obter-se conhecimentos, pensamos ser relevante pontuar em qual lugar os educandos praticam mais a leitura e escrita, se são em suas casas ou na escola.

Por serem na maioria das vezes estimuladas pelos professores, como estudos de casa, oito crianças que estudam na escola Itaúna, total esse que chega a ser a maioria deles, exercem os estudos em casa. No entanto, fica evidente que a educação de ensino inicial, tende a um melhor desenvolvimento no ensino.

Ao seguir os levantamentos de dados: dois estudantes dizem não praticar a leitura e a escrita. Uma diz tentar ler algumas palavrinhas do livro. Por ser uma escola múltisseriada, podemos afirmar que ela objetiva um despertar de curiosidade, nesse caso ela contribui para uma mudança de sociedade.

No contexto das ideias o aspecto dos estudos feitos em casa são formas de demonstrar que o lar é também lugar de buscar a entender o mundo acadêmico e por isso, a escola também poderia adotar essa relação entre o conhecimento popular e o científico. E assim andarem juntas, tendo como parceiros os familiares.

Mas, se essa interação não for exercida, o reconhecimento desta parceria não fica compreensível ao alcance de todos e torna-se contraditória à escola e à comunidade.

Na pergunta, “seus pais te ensina a ler? Ou é melhor estudar com os coleguinhas na escola”?

Cinco alunos preferem estudar na escola com os coleguinhas. Três estudam em casa com os pais, mas preferem estudar na escola com os coleguinhas. Uma pessoa estuda em casa com os pais, mas onde ler mais é na escola. Uma pessoa recebe ajuda da mãe, quando tem dever de casa. Uma pessoa diz gostar de estudar mais em casa.

Diante dessas exposições, a escola é o lugar onde os estudantes exercem os estudos. Entretanto a interação entre escola e comunidade é apenas pelos exercícios de casa, e ainda não abrange essa dimensão, pois, esses trabalhos são aprendizagens alheias a comunidade e parte da continuação das disciplinas realizada na escola.

Percebe-se que ainda não existe práxis nesse contexto de interação, apenas uma contribuição pequena dos pais na aprendizagem dos filhos, fica evidente que a escola ainda não articulou a comunidade para melhor desenvolvimento dos trabalhos na escola, e do mesmo modo a comunidade, sem deixar que entre em um acordo.

3.3- O papel do professor na educação.

A educação em seu aspecto amplo tem como objetivo a libertação, por ser através dela a descoberta de histórias de nossos antepassados até nos momentos dos dias atuais, além de ser de suma importância para a conscientização de cada cidadão.

O educador além de ensinar a ler e escrever tem o papel de interpretar a realidade de forma crítica para repassar aos discentes uma firmeza no papel de cidadão que exerce os deveres e vai à busca dos direitos. E seu ponto de partida é a alfabetização tendo em vista que é a base para a toda a carreira de estudante e para uma circulação satisfatória da sociedade letrada.

Segundo Freire (2008), a alfabetização merece destaque [...] O aprendizado das técnicas de ler e escrever, enfim, todo aprendizado deve encontrar se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivido pelo educando. “O autor ainda afirma não há educação fora da sociedade humana e não há homens no vazio” FREIRE, (2008, p. 43).

Nesse caso é que encorajamos a direcionar a primeira pergunta, que diz respeito em qual interação dos estudantes para com a leitura e a escrita? A Professora A responde: “grande parte dos alunos tem certo desinteresse pela leitura, portanto trabalhamos de forma interativa através de gibis e clássicos infantis para estimular a leitura e a escrita”. Já a professora B diz: “no começo é de dar medo, porque ainda não sabem como fazer e como ler, mas depois durante o processo demonstram curiosidade e interesse”.

Nesse primeiro momento que o aluno entra na escola é óbvio que ainda não conseguem decifrar os códigos do alfabeto nem muito menos conseguir escrever, é necessário que o educador exerça uma longa caminhada a favor desse desenvolvimento que estes vão em busca. Por isso, é que o professor tem um papel importante nessa caminhada.

E ao analisar a vida cotidiana desses estudantes, percebe-se quetrabalhar os conteúdos de acordo com sua realidade é um ponto primordial para estimular o estudante a continuar na escola, principalmente quem já tem um tempo de estudo e não consegue passar de série e claro se não for por motivos de deficiência psicológica, que depende de atenção maior. É o que a professora “A” tenta fazer ao usar os gibis e livros clássicos para estimular o interesse de ler,

Por isso, a professora A ressalta que é “através de novas palavras, novas leituras é que percebemos, o quanto acontece a alfabetização de cada um e a cada momento distinto em sala de aula”.

O que para a professora B, “A leitura e a escrita caminham juntas no processo de alfabetização. Através da leitura do mundo o educando chega à leitura da palavra. E é por meio do convívio e experiência que o aluno vai construindo sua base para o conhecimento”.

Com uma visão freiriana’, a professora B demonstra que é possível um modelo de ensino que permite a interação do saber popular com o científico, o que torna de suma importância a educação de forma mais humanitária. E é bom saber que professores tem sede de mudança.

Na terceira pergunta realizada para entender quais atividades que os estudantes gostam mais de fazer dentro de sala de aula?

Professora A “Eles gostam muito de ouvir histórias contadas, assistir filmes de acordo com a faixa etária deles; outro aspecto positivo é a solidariedade e o companheirismo entre eles”.

Professora B “Atividades lúdicas, como jogos e principalmente atividades que permitam que o aluno fale”.

É possível analisar aqui, que vários tipos de letramentos são acionados, o que permitem que essas crianças consigam lidar com as diversas formas de linguagem. Tais como os letramentos críticos através das atividades de interação comunicativa, na tentativa de não lidar com textos sem que demonstrem cada visão ali existente. É o que descaracteriza a alienação.

Percebe que na observação feita na escola ela não busca uma interação entre leitura e escrita, mas há um incentivo da leitura quando os estudantes dizem gostar de ler alguns tipos de gêneros.

Aqui a professora B ressalta, “A leitura e a escrita caminham juntas no processo de alfabetização”. Mas não foi possível mostrar neste trabalho o processo da escrita desses estudantes. Mesmo uma afirmação do uso da escrita por parte das professoras, os estudantes dizem gostar somente de ler livros e não mencionam a escrita.

Sendo assim, os estudantes não fazem reflexões a partir do que ler, nem conseguem fazer uma interpretação de seu convívio. Neste contexto, Soares (2004) referencia Kirsch e Jungeblut (1990) para afirmar que os letramentos não são simplesmente um conjunto de habilidades de leitura e de escrita, mas, muito mais que isso, é o uso dessas habilidades para atender às exigências sociais.

Percebe-se que há uma contradição entre as professoras e os estudantes, quando as professoras dizem fazer uma interação entre leitura e escrita, na pergunta, em sua casa você pratica a leitura e a escrita? A maioria responde gostar somente de ler alguns tipos de gêneros, mas nenhum estudante mencionou fazer uso da escrita.

Entende-se que o letramento não aparece de forma clara nas falas de ambos, por que não há ainda um entendimento entre educador, estudante e comunidade.

CONCLUSÃO

A alfabetização e letramentos na escola Municipal Itaúna são trabalhadas de forma a envolver também os letramentos, em que usam também as tecnologias áudio visual para trabalhar com as crianças assim como, os jogos e leituras em gibis.

O método usado foi qualitativo de forma a usar questionário para coletas de dados, caracterizando a interação participativa e reflexiva no decorrer da pesquisa, com envolvimento dos participantes, também os fundamentos da alfabetização e letramento, e a importância desses dois eixos norteadores da alfabetização trabalhadas juntos. Essas questões mantiveram válidas.

Os objetivos foram analisar os letramentos dentro da alfabetização. E se a escola do Campo localizada no Itaúna trabalha a alfabetização dentro dos letramentos. Assim, identificar como os estudantes interagem com a leitura e escrita. Analisa também os procedimentos que a escola adota para alfabetização dos estudantes, porém, esses objetivos mantiveram válidos, sendo, possíveis essas análises.

De acordo com Freire (1999), a leitura se inicia muito antes do ingresso na escola. Essa leitura que antecede a leitura escolar é denominada leitura de mundo. Isso significa que o aluno não chega à escola vazio, desprovido de conhecimento.

Por outro lado, o que geralmente acontece é que as escolas adotam o ensino a partir do desenvolvimento da leitura e escrita, sem trabalhar o contexto social e o conhecimento já existentes.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna*: a sociolingüística na sala de aula. - São Paulo: parábola editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris, et ali. *Formação do Professor como agente letrador.* São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32°ed. São Paulo: paz e terra, 2002. 50

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1981

FREIRE, Paulo*. A importância do ato de ler*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. Educação como pratica da liberdade. Rio de janeiro. Paz e terra, 2008.

JOHN W. Creswell. Projeto pesquisa métodos qualitativos quantitativos e mistos. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

MARTINS, *o (Re) conhecimento sociolinguístico na escola:* sua implicação para o ensino. Dissertação; graduação em letras: universidade de Passo Fundo, 2005.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUSA, Rosineide Magalhães. Resenha de BARTON, D.*et ali*. *Situated literacies*: *reading and writing in context.* In: Caderno de Linguagem e Sociedade. Brasília: UnB, 2003.

.